

Uma ficção policial mais plural: autores LGBTQ+ e escritoras

Michelly Cristina da Silva⁸⁸

Resumo: O presente trabalho analisa o aumento de mulheres, pessoas não caucasianas e LGBTQ+ a escrever ou protagonizar romances policiais. Conhecido por décadas como um gênero literário dominado por uma atmosfera masculina e heterossexual, nas últimas décadas, autores e personagens antes marginalizados ou esquecidos nas histórias policiais têm ganhado cada vez mais protagonismo. Um dado a confirmar isso é que os últimos *best-sellers* policiais a superar a marca de milhões de cópias vendidas em todo o mundo – *Garota Exemplar* e *A Garota no Trem* – foram escritos e protagonizados por mulheres. O texto chama a atenção, no entanto, para o número de barreiras que ainda é preciso superar para que outras vozes ganhem cada vez mais espaço, não apenas nesse gênero, mas em todo o mercado editorial.

Palavras-chave: ficção policial, feminismo, *queer*

A autoria e o protagonismo do *hard-boiled*, a vertente da ficção policial que teve origem nos Estados Unidos, teve por muito tempo um gênero e uma etnia específicos. Em sua primeira geração, nas primeiras décadas do século XX, as histórias de *hard-boiled* foram escritas sobretudo por homens caucasianos e – pelo menos declarados – heterossexuais, e era esse mesmo tipo de homem que protagonizava as histórias de mistério. Outra característica central do *hard-boiled* no seu surgimento era a configuração do gênero através de estruturas binárias, organizadas para destacar um destemido e potente masculino, em contraste com uma figura feminina coadjuvante. Mesmo representando um contexto mais real e mais próximo à experiência diária e mundana, o *hard-boiled*, nessa fórmula, deu pouco espaço a uma diversidade na caracterização dos personagens. Personagens que se desviavam dessa chamada “norma” hétero e masculina eram comumente descritos em linhas derogatórias, como por exemplo o capanga Joel Cairo, de *O Falcão Maltês*, escrito por Dashiell Hammett em 1939, personagem lembrado por

⁸⁸ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em História Social na Universidade de São Paulo (USP), cuja pesquisa é intitulada *Um Lugar Escuro: pesadelo, trauma e obsessão no Quarteto de Los Angeles*, de James Ellroy”, com financiamento pela CAPES. Contato: michellycristina@gmail.com

seu estilo afeminado, e descrito como “*queer*” e “*fairy*” pelo protagonista Sam Spade e sua cliente, Brigid O’Shaughnessy. Já às mulheres, era relegado o papel de *femme fatale* ou de distração aos protagonistas-detetives. Como nota Megan Abott em *The Street Was Mine: White Masculinity in Hardboiled Fiction and Film Noir*, nestes dois gêneros citados no título de seu trabalho, a feminilidade foi explorada através de lentes quase exclusivamente masculinas. Outrossim, essas mesmas personagens femininas interagem com um protagonista “insistentemente masculino” (ABOTT, 2002, p.31).

Entre as poucas exceções da primeira geração a essa primazia masculina, tivemos Dorothy B. Hughes, autora de *In a Lonely Place*, de 1947, (adaptado para o cinema em 1950 por Nicholas Ray); Margaret Millar, autora de *Beast in View*, de 1956, e esposa de Ross Macdonald e Patricia Highsmith, que além disso era homossexual, autora da popular série estrelando Tom Ripley.

Não podemos negar que o *hard-boiled* representou um interessante desdobramento do romance policial inglês do século XIX, mesmo que nessa primeira geração houvesse pouca diversidade. Segundo Júlio Pimentel em sua tese de livre docência *A pista e a razão. Uma história fragmentária da narrativa policial*, o *hard-boiled* abriu espaço para dois temas que a série detetivesca clássica não havia até então abordado: a possibilidade da denúncia social e “estratégias de reflexão para compreender a experiência histórica vivida”, ou seja, um olhar mais agudo e crítico sobre a sociedade que se retratava (PINTO, 2010, p.155-156). Com certa visão otimista sobre a literatura policial norte-americana, Piglia também notara o mesmo. No ensaio “Sobre el género policial”, ele escrevera: “Na passagem entre o romance inglês e o norte-americano deixa de haver necessariamente o personagem que encarna a lei e se alcança uma versão mais crítica da sociedade. (...) É quando o mundo das transgressões diz mais sobre a verdade da sociedade do que o mundo da lei estabelecida”. (PIGLIA, 1986, p.103)

O tom crítico do *hard-boiled* residiria na figura do protagonista-detetive, tornado tradutor da cidade “real e perigosa, descontrolada e selvática”. Por “representar” essa cidade que cresce, com sua violência e inquietudes, a ficção policial norte-americana se imbuía assim de um “efeito de realismo”, acertado em algumas obras, fracassado em outras (PINTO, 2010, p.156). Júlio Pimentel nota que

em algumas obras do *hard-boiled*, o realismo, de tanto buscado, tornava-se, ao fim e ao cabo, mistificador e artificial. O excesso de violência, o apelo ao improvável e uma inclinação ao clichê/fórmula que *hard-boiled* acabou também por estabelecer um submundo fictício, que só existia para alimentar o gosto, o sadismo e voyeurismo de seu público leitor: “Em outras palavras, o ‘efeito de real’ era obtido pela repetição da fórmula, e não pela disposição mimética da experiência real.” (PINTO, 2010, p.170).

Para emular este “efeito de realidade”, editoras e autores apostaram no padrão de protagonismo e “masculinidade” daqueles de quem se esperava esperar os perigos e desafios das metrópoles do novo século.

Um texto célebre de Raymond Chandler, que junto com Dashiell Hammett, é creditado como um dos fundadores do *hard-boiled*, nos dá pistas de como estes escritores idealizavam seu detetive ideal. No ensaio “A Simples Arte de Matar”, de 1944, Chandler escreveu:

Mas nas ruas sórdidas da cidade grande precisa andar um homem que não é sórdido, que não se deixou abater e que não tem medo. Neste tipo de história o detetive deve ser um homem completo e um homem comum e, contudo, um homem fora do comum. Ele deve ser, para usar um clichê, um homem honrado (...). Ele deve ser o melhor homem em seu mundo e um homem bom o suficiente para qualquer mundo. [grifos nossos] (CHANDLER, 1998 [original de 1944], p.412)

Se agora o policial transita pelas ruelas e ruas sórdidas da cidade grande da América, onde pistas dificilmente estão dentro de um vaso veneziano, ele permanece um homem, com moral inabalada e quase um celibatário.

Essa visão do detetive policial perdurou por muitas décadas, mas, à medida que o gênero foi se reinventando, sua obrigatoriedade para que a fórmula funcionasse foi pouco a pouco desafiada. O objetivo deste texto é como isso se deu, com o surgimento histórias cujos autores e protagonistas afastaram-se do arquétipo binário e de dominância masculina por muito tempo associado a ele.

Talvez este pequeno ensaio acabe assumindo um tom mais militante do que acadêmico, mas em um momento em que avanços das mulheres e da comunidade LGBTQ+ parecem perigar, onde muitos preferem abraçar o obscurantismo, a ignorância e o extremismo – repelindo e até mesmo condenando o dito “diferente” –,

pareceu-me oportuno mostrar outras vozes em uma vertente da ficção policial lembrada por sua masculinidade.

Segundo Priscilla Walton e Manina Jones, foi a partir dos anos 1970 que as mulheres entraram com força no mercado literário de ficção policial. Desde então, a representação feminina no gênero só tem aumentado. Se em 1970 foram lançados apenas treze livros com personagens detetives femininos, na década de 1990 esse número já havia subido para 360 (WALTON, & JONES, 1999, pp. 28-30)

Os primeiros nomes de escritoras a despontar nessa época foram Marcia Muller, Sara Paretsky, Sue Garfton e Patricia Cornwell. Dos três casos citados, as três primeiras optaram por situar seus detetives particulares no contexto das histórias de *hard-boiled* da primeira geração, e Cornwell, no ambiente do “*police novel*”, na terminologia de Peter Messent. Das heroínas criadas por essas autoras, a personagem de Paretsky, V.I. Warshawski, é a mais abertamente feminista. A detetive particular, que apareceu pela primeira vez no romance *Indemnity Only*, de 1982, mostra sua força ao lidar física e emocionalmente com os criminosos que ela busca.

Hoje, num cenário editorial muito mais promissor a caminho de uma igualdade de gêneros, lembremos como os últimos dois romances policiais de grande sucesso foram escritos por mulheres: *Garota Exemplar* (2012), da norte-americana Gillian Flynn e *A Garota no Trem* (2015), da inglesa Paula Hawkins, que superaram, ambos, a marca de 15 milhões de livros vendidos no mundo. A mudança trazida pelo aparecimento na cena literária de escritoras de *hard-boiled* e suas heroínas foi de tamanha importância que, para Mary Hadley, o que houve nos anos 1980 foi praticamente uma “revolução no gênero”:

Essas e outras escritoras mudaram o romance policial para sempre ao levar o gênero para novas direções, como um meio de discussão de temas sérios, tanto feministas como questões mais amplas como justiça social. As detetives americanas e britânicas dos anos 1980 refletiram o número crescente de mulheres no mercado de trabalho, mulheres que escolhiam ficar solteiras, que eram extremamente eficientes em seus trabalhos, podiam se defender sozinhas fisicamente, estavam preparadas para usar uma arma, e constantemente colocavam em xeque a sociedade patriarcal na qual estavam inseridas (HADLEY, 2019).

Além das mulheres, a partir dos anos 1990 autores latinos e afrodescendentes também ganharam mais espaço no mercado editorial. Autores afrodescendentes foram encabeçados por Chester Himes, autor negro de romances policiais a publicar nos anos 1960 e 1970, situando suas histórias no Harlem, em Nova York, bairro naquela época de ocupação predominantemente negra. Seus livros foram reunidos sob o nome da série “Os Detetives do Harlem”, sendo seus personagens principais, Grave Digger Jones e Coffin Ed Johnson, policiais negros trabalhando na delegacia do bairro. A história deste autor por si só já é cheia de singularidades, pois antes de começar a publicar seus livros Himes havia ficado preso por sete anos e meio na Penitenciária Estadual de Ohio por roubo, escrevendo dali suas primeiras histórias. Depois de cumprir sua pena, Himes conseguiu que suas histórias fossem publicadas por editoras renomadas como a Alfred Knopf e Doubleday e também se tornou um colaborador recorrente da revista *Esquire*, o “primeiro colunista com ficha criminal” a ser contratado pela publicação, como notou seu biógrafo, Stephen Milliken. (MILLIKEN, 1976, p.56) Como outros autores nos anos 1940, foi para Hollywood e ali trabalhou brevemente como roteirista para a Warner Bros. Sua recepção, no entanto, foi muito diferente daquela tida por Raymond Chandler, James M. Cain, William Faulkner, e outros escritores – brancos – que também se aventuraram no cinema nesse período. Ainda segundo Milliken, a passagem de Himes pelo estúdio dos irmãos Warner terminou quando Jack Warner soube que havia um roteirista negro no estúdio, ao que ele ameaçou. “Não quero nenhum negro no meu estúdio” (MILLIKEN, 1976, p.56)

Até meus trinta e um anos, eu tinha me machucado emocional, espiritual e fisicamente como trinta e um anos podem suportar: tinha vivido no sul, tinha caído no poço de um elevador, expulso da universidade, cumprido sete anos e meio de prisão e sobrevivido a cinco anos humilhantes da Depressão em Cleveland; apesar disso, estava inteiro, completo, funcional; minha mente estava afiada, meus reflexos eram bons e eu não era amargurado. No entanto, sob a corrosão mental causada pelo preconceito que vi em Los Angeles eu fui consumido pelo ódio (HIMES, 1972, p.75).

O testemunho de Himes evidencia o racismo em Hollywood e o tratamento desigual dado ao autor numa época em que outros escritores brancos também estavam trabalhando para os estúdios. Despedido, Himes acabou passando os últimos anos da guerra em Los Angeles como operário em um fábrica de defesa. Desiludido, ele mudou-se para Paris logo depois, onde publicou seus demais livros

– todos em francês – e lá permaneceu até seu falecimento. Na capital francesa, o autor tinha a companhia de outros autores afrodescendentes expatriados, como Richard Wright, James Baldwin e William Gardner Smith. Hollywood só reconheceu parcialmente o talento de Himes na década de 1970, quando um de seus romances, *Cotton Comes to Harley* foi adaptado pela United Artists.

Seguindo os passos de Himes, outro importante autor de romances policiais é Walter Mosley, ainda em atividade. Mosley situa suas histórias na Los Angeles dos anos 1940 e 1950 e por isso invariavelmente é comparado com James Ellroy. Diferente deste último, seu principal e recorrente protagonista é um detetive particular, Easy Rawlins, que mora no bairro de Watts, no sul de Los Angeles e cujos moradores são em sua maioria negros. Seu romance de estreia, *O Diabo Vestia Azul*, de 1990, está entre um de seus mais conhecidos, pois em 1995 foi adaptado aos cinemas tendo no papel principal Denzel Washington.

No novo milênio mais autores, autoras e protagonistas fora do *establishment* conseguiram espaço nas editoras. O autor californiano Michael Nava, de origem latina e abertamente homossexual, tem como protagonista de seus nove romances Henry Rios, um advogado criminalista de sucesso em Los Angeles, também de origem latina e gay. O primeiro livro da série, *The Little Death*, foi lançado em 1986 e em 2019 Nava acaba de lançar mais um romance protagonizado por Rios.

Na última década, a autora transexual Renee James, residente em Chicago, lançou seus primeiros livros. Sua protagonista é uma cabeleireira também trans, Bobbi Brown. Em seu romance inaugural, *Coming Out Can Be Murder*, de 2012, Brown inicia o processo de transição ao mesmo tempo em que decide investigar por conta própria o assassinato da amiga e sócia, ela também uma mulher trans. O romance foi eleito livro do ano na categoria Ficção Indie pela Associação de Escritores de Chicago.

John Copenhaver, autor de *Dodging and Burning*, de 2018, traça um paralelo entre a narrativa policial e a narrativa do coming-out, do sair do armário, do assumir-se. Para ele, uma vez que pessoas LGBT vivem em uma cultura predominantemente heterossexual e cis-gênera, é preciso proclamar essa “outra” orientação sexual ou identidade de gênero. Para esse autor, a narrativa policial e a narrativa do *coming-out* se assemelham porque ambas envolvem a tensão de um

segredo mantido, o satisfatório estalar de um quebra-cabeças sendo resolvido, a fascinação da revelação. Em suas palavras, “Somos atraídos por uma narrativa em que o desconhecido se torna conhecido. Onde os motivos são claros. Onde identidade é evidenciada.” (COPENHAVER, 2018, p.14)

O cenário literário mostra algumas surpresas, mas é preciso ainda muitos avanços.

Em uma conferência na Universidade de Boston em 2016 intitulada “O poder da narrativa”, o autor e jornalista Gay Talese, disse que além da escritora Mary McCarthy, não conseguia nomear nenhuma outra jornalista ou autora que o tivessem influenciado.

Das 65 edições do prêmio Edgar Allan Poe, dado pela Associação dos Escritores de Mistério dos Estados Unidos, apenas em 16 ocasiões uma mulher venceu na categoria de Melhor Romance, com um incômodo hiato de catorze anos entre 1971 a 1985. Em 2019, após mais e mais mulheres serem autoras de *best-sellers*, contribuindo igualmente (ou se não mais⁸⁹) para a última retomada do gênero na forma de *thrillers*, o *Sunday Times* publicou uma lista dos 100 melhores livros de mistério e espionagem desde 1945.⁹⁰ Entre as obras citadas, apenas 28 foram escritas por mulheres. Alguns avaliadores podem tentar relativizar a desigualdade de gêneros presentes nestas listas, citando os mais diversos argumentos. No entanto, não se pode descartar o papel de formação literária e influência que essas seleções exercem em leitores, leitores em formação e consumidores.

Há hoje uma pluralidade tanto de autores quanto de protagonistas na ficção policial. Muitas vezes, no entanto, ela não é destaca nas mídias e desconhecida entre leitores e pesquisadores. E voltando ao título desse texto, felizmente, o contemporâneo mostra que autores e autoras adicionaram uma carga transgressora a um gênero que também foi transgressor em sua origem. O “afeminado” e a *femme fatale* viraram detetives, resolveram crimes, contaram sua versão da história,

89 Em 2017, segundo o The Guardian, autoras dominaram a lista de livros mais vendidos naquele ano na Inglaterra. Figuraram entre as dez primeiras Margaret Atwood, Sarah Perry, Helen Dunmore, Naomi Alderman, Elena Ferrante, Ali Smith, Zadie Smith, Maggie O'Farrell and Arundhati Roy. O único homem, na sexta posição, foi o japonês Haruki Murakami. Cf. <https://www.theguardian.com/books/2018/jan/17/margaret-atwood-female-writers-dominated-2017s-literary-bestsellers-figures-show> (Acesso em 27 de setembro de 2019)

90 Cf. <https://www.thetimes.co.uk/article/the-100-best-crime-novels-and-thrillers-since-1945-dgwbfxwbd> (Acesso em 28 de novembro de 2019)

mataram seus maridos e amantes e no caminho venderam milhões de exemplares. Com tropeços, enfrentando adversidades, mulheres, trans e gays juntam-se ao homem honrado de Chandler para caminhar pelas ruas sórdidas da cidade.

Referências Bibliográficas.

ABOTT, Megan. *The Street Was Mine: White Masculinity in Hardboiled Fiction and Film Noir*. New York: Palgrave, Macmillan, 2002.

CHANDLER, Raymond. *A Simples Arte de Matar*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

COPENHAVER, John. *Dodging and Burning*. New York: Pegasus Books, 2018.

KEITEL, Evelyne. "The Woman's Private Eye View" *In: Amerikastudien/American Studies*, vol. 39 (1994). Pp. 161-182.

HIMES, Chester. *The Quality of Hurt*. New York: Thunder's Mouth Press, 1972.

HADLEY, Mary. "American Detective Fiction in the 20th Century." *In: <https://oxfordre.com/literature/view/10.1093/acrefore/9780190201098.001.0001/acrefore-9780190201098-e-585>* Acesso em 08 de dezembro de 2019.

MILLIKEN, Stephen F. *Chester Himes: A Critical Appraisal*, Columbia, Mo. 1976.

PIGLIA, Ricardo. *Crítica y Ficción*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1986.

PINTO, Júlio Pimentel. *A pista e a razão. Leituras da ficção policial na história*. 2010. 309f. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

WALTON, Priscilla & JONES, Manina. *Detective Agency: Women Rewriting the Hard-Boiled Tradition* Berkeley: University of California Press, 1999.